

A saliência cognitiva do Causativo da voz média em português

The cognitive salience of the Causative of the middle voice in Portuguese

Maria Claudete Lima¹

Resumo: As construções médias pertencem ao domínio do construto absoluto, ou seja, expressam uma concepção de evento autônomo, que representa o grau máximo de não-atribuição de causalidade (LIMA, 2009). Uma vez que a concepção de causalidade pode ser ativada em vários graus de saliência (LANGACKER, 1991) e que a construção média se codifica em português em variadas formas, cumpre verificar, como é objetivo deste trabalho, em que medida as construções médias se diferenciam quanto ao grau de saliência da causa. Para tanto, analisamos quali-quantitativamente, no corpus C-ORAL BRASIL I, as construções médias clíticas e não clíticas, a média perifrástica e a média facilitativa. As ocorrências foram categorizadas, entre outros fatores, quanto à expressão e à saliência cognitiva do Causativo, medida com base em fatores como: traço [+animado], exterioridade e visibilidade. Os resultados mostraram que o Causativo das construções médias clíticas e não-clíticas é predominantemente não-identificável ou inconcebível. Já na média perifrástica, o Causativo mais frequente é externo, abstrato e codificado no contexto. Tais dados apontam para uma certa especialização de emprego da média clítica e não-clítica para a expressão de eventos espontâneos e da média perifrástica para a expressão de eventos de emoção.

Palavras-chave: Voz média. Saliência Cognitiva. Causalidade. Ficar. Linguística Cognitiva.

Abstract: The middle constructions belong to the domain of the absolute construal, which means they express the concept of an autonomous event, which represents the maximum degree of non-attribution of causality (LIMA, 2009). Since the concept of causality can be activated in various degrees of salience (LANGACKER, 1991) and since the middle construction is coded in Portuguese in various forms, it is necessary to verify to what extent the middle constructions differ as to the degree of salience of the cause. For this, we analyzed qualitatively, in the C-ORAL BRASIL I corpus, the clitic and non-clitic middle constructions, the periphrastic middle, and the facilitative middle. The occurrences were categorized, among other factors, as to the Causative's expression and cognitive salience, measured based on factors such as animacy, exteriority, and visibility. The results showed that the Causative of the clitic middle and non-clitic middle constructions is predominantly unidentifiable or inconceivable. In the periphrastic middle, the most frequent Causative is external, abstract, and coded in the context. Such data point to a certain specialization in the use of the clitic middle and non-clitic middle for the expression of spontaneous events and the periphrastic middle for the expression of emotion events.

Keywords: Middle voice. Cognitive salience. Causality. Ficar. Cognitive Linguistics.

¹ Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Fortaleza, Ceará, Brasil. Endereço eletrônico: claudete@ufc.br.

Introdução

Descartada da Nomenclatura Gramatical Brasileira, em favor da voz reflexiva, a voz média só encontra lugar em descrições linguísticas do português relativamente recentes. Ora estudada como um processo de inacusativização ou de redução de valência (DUARTE, 2003; RAPOSO, 2014), ora tida como uma das construções de-transitivas que envolvem decréscimo nas propriedades da transitividade (GIVÓN, 1993), as propriedades semânticas que caracterizam a voz média já foram observadas em línguas distintas, como o grego moderno (MANNEY, 1998) e o inglês (GIVÓN, 1993).

No âmbito da Linguística Cognitiva, a voz se relaciona à noção de construto (LANGACKER, 1991), e é ligada ao Modelo Cognitivo Idealizado de Causalidade e à noção de saliência e perfilamento. Sendo matéria de construto, ou seja, de como o falante interpreta a experiência, as construções de voz representam diferentes conceitualizações de eventos, em que atuam fenômenos cognitivos, como a percepção e a atenção; propriedades objetivas da entidades, como a saliência da entidade provocadora do estado de coisas; e fenômenos semântico-pragmáticos, como o estatuto informacional da entidade e as necessidades comunicativas do falante.

Partindo-se desses pressupostos, considera-se voz média a representação linguística de uma concepção de evento autônomo em que o Causativo — um macropapel que subsume qualquer entidade provocadora do estado de coisas descrito pelo verbo — é deixado sem codificação ou representado secundariamente, como um sintagma preposicionado. Trata-se assim de uma construção esquemática em que o sujeito tópico é afetado pelo evento e pode se manifestar em português de variadas formas: na forma clítica, não-clítica e perifrástica com *ficar + v_do*.

Naturalmente complexa, a voz média em português é tema de dezenas de trabalhos, todavia, até onde se sabe, são raros os trabalhos que a investigam numa abordagem cognitivo-funcional, como a proposta no presente artigo. Lima (2009; 2013) estudou as construções passivas, impessoais e médias na *Crônica Geral de Espanha de 1344*, quanto a fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos e chegou à conclusão de que essas construções, embora pertençam ao domínio da não atribuição de causalidade, diferenciam-se pelo grau de causalidade relacionado à transitividade e à saliência cognitiva do Causativo. No *continuum* proposto, que tem como membro intermediário a construção impessoal, a passiva e a média se situam nos extremos da escala: a passiva como a mais causal das três construções e a média como a menos.

Melo (2015) analisou, apoiada na chamada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a voz média em textos de reclamação digital. A autora avaliou a configuração estrutural prototípica da voz média, as suas funções discursivas e o grau de transitividade e concluiu que a estrutura SN + V é a configuração prototípica da voz média, em que o sujeito é afetado por uma ação que não parte dele. Barros (2016) investiga, também na LFCU, a voz reflexiva, como um subdomínio médio, centrando-se na concorrência entre a forma reflexiva marcada pronominalmente e a não marcada. Para analisar esse processo de mudança, a autora examina dados do latim vulgar ao português moderno, com base em que propõe que a voz reflexiva não clítica apresenta características da voz média, interpondo-se entre essa e a reflexiva prototípica, constituindo-se em um novo nó na rede construcional da voz. Mais recentemente, Lima (2018), baseada em Langacker (1991), mostra como as construções média, passiva e impessoal manifestam os ajustes focais, correlatos linguístico-cognitivos de fenômenos visuais como *especificidade/esquematicidade*, *perspectiva* e *focalização*. A média e a impessoal, esquemáticas pela inespecificação do Causativo, manifestam o ajuste da especificidade/esquematicidade, que diz respeito ao grau de detalhamento com que uma situação é descrita. A passiva apresenta o ajuste focal da perspectiva, que se relaciona à escolha do sujeito.

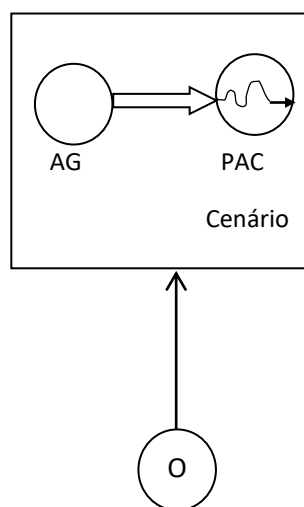
No intuito de contribuir para uma descrição cognitivo-funcional da voz média no português do Brasil, o presente trabalho visa a testar se as variadas formas de codificação medial em português se distinguem quanto à saliência do Causativo de modo a se distribuírem diferentemente no espaço semântico do domínio médio. Para tanto, analisa as construções médias no C-Oral Brasil I, corpus do português oral espontâneo. Acrescentam-se assim dados do português contemporâneo à análise cognitivo-funcional da voz média quanto ao grau de saliência do Causativo, aspecto abordado anteriormente apenas em Lima (2009; 2013), e, mesmo assim, em corpus do português arcaico.

A causalidade e o construto absoluto

A noção de causalidade advém de nossa visão de mundo como povoado de objetos discretos que se movem num espaço, comandados por energia ou força interna ou externa, entram em contato uns com os outros e participam de interações energéticas. Langacker (1991) chama essa visão de mundo de *modelo da bola de bilhar*: um objeto faz contato com outro objeto, transferindo energia a este segundo objeto, que faz contato com um terceiro objeto, transferindo-lhe energia e assim por diante, formando uma cadeia de ação.

Um evento causativo canônico, linguisticamente codificado por uma oração ativa prototípica, representa-se conforme o esquema da Figura 1, em que um observador (O) assiste de um ponto de vista externo um objeto discreto, o núcleo da cadeia de ação (Ag), transmitir energia a um outro objeto (Pac), a cauda da cadeia de ação, através de contato físico energético (indicado pela seta larga), e observa esse objeto experimentar uma mudança de estado, indicada pela seta rabiscada no seu interior.

Figura 1 - Evento causativo canônico (LANGACKER, 1991)



Fonte: elaborado pela autora.

Outro modo de conceber um evento é de forma autônoma, perfilando apenas o processo temático, ou seja, um processo com um único participante cujo papel é passivo: o tema, um macropapel que subsume os papéis de paciente, zero ou movido. Trata-se de um construto absoluto, a concepção autônoma de um evento, sem evocar explicitamente agente nem fonte de energia, como em (01).

(01) *essas a [1] *vão derretendo* / né // é meio ruim // (BFAMCV26)²

Langacker (2008) destaca que o construto absoluto deve ser encarado como uma alternativa de codificação independente da realidade objetiva, pois a noção de construto absoluto não significa:

[...] dizer que as noções de energia, força e causalidade estão totalmente ausentes - sabemos, pois por exemplo, que um barco afunda devido à

² Todos os exemplos foram retirados do corpus C-Oral Brasil, adiante descrito. O código identifica o inquérito, conforme figura no corpus.

gravidade e o gelo derrete devido ao calor. No entanto, estas são apenas forças de fundo, aspectos sempre presentes em nossas circunstâncias básicas. Geralmente são apenas desvios dessa linha de base que contam linguisticamente como causalidade ou agência externa. (LANGACKER, 2008, p. 371)³

As duas formas de conceber um evento, energética ou absolutamente, manifestam-se como a construção ativa e média prototípicas, respectivamente. Em cada uma das concepções, um papel prototípico ganha saliência. No polo ativo, o agente tem proeminência. No polo passivo, a proeminência é do tema, papel que engloba o zero, participante que exibe uma propriedade ou ocupa um lugar; o movido, que sofre mudança de lugar, o paciente, que sofre mudança em suas propriedades, e o experienciador, papel que não pertence propriamente a nenhum dos campos, pois pode representar tanto um participante passivo em um processo temático, como pode desempenhar uma função ativa em interações com dois participantes.

Esse papel duplo do experienciador, ao mesmo tempo ativo e passivo, evidencia-se na voz média, sobre que se discorre a seguir.

A voz média

A voz média codifica um construto absoluto. Nela, o Causativo é desfocado ou inexistente (LANGACKER, 1991; 2000) e o Afetado⁴, único participante, é o sujeito tópico. Constitui, em português, uma série de construções relacionadas que compartilham com a passiva a topicalidade do Afetado, mas, diferentemente, desta, não admitem a expressão de um agente, no máximo, de uma causa introduzida pela preposição *com* ou *de*. Constituem assim um domínio escalar em que há membros mais centrais que apresentam maior número de propriedades da categoria e outros marginais que compartilham algumas propriedades com o membro central e entre si (ROSCH, 1973; 1975; TAYLOR, 1992; KEMMER, 1993). Incluem-se neste domínio as construções com verbos de processo *media tantum* (02); construções formadas com verbos intransitivos relacionados a uma construção ativa (03); construções de valor resultativo com *ficar* + particípio (04); e construções de valor não-eventivo, com sujeito paciente e advérbios de facilidade (ou dificuldade), como em (05).

³ This is not to say that notions of energy, force, and causation are totally absent—we know, for instance, that a boat sinks due to gravity, and ice melts due to heat. Yet these are merely background forces, ever-present aspects of our basic circumstances. It is usually only departures from this baseline that count linguistically as external causation or agency (LANGACKER, 2008, p. 371).

⁴ Os termos Causativo e Afetado são tomados como macropapéis. O primeiro abrange todos os papéis que desencadeiam um evento, são a fonte de energia numa cadeia de ação: agente, instrumento, causa, estímulo. O segundo abrange todos os papéis que estão na cauda da cadeia de ação: paciente, experienciador, beneficiário.

- (02) *ALO: aí a pouco *ele adoeceu* /=COB (BFAMMN03)
(03) *ASI: <Nossa / *encheu a vasilha*> aqui de arroz // sobrou bastante // (BFAMDL16)
(04) *BAL: a Heloísa *ficou encantada* // (BFAMCV25)
(05) *MUR: tá vendo / não sei se *ele vira aqui com facilidade* não // porque ele é muito grande // (BPUBDL04)

Tais construções compartilham as propriedades básicas que têm sido atribuídas à voz média na literatura: (a) mudança de estado; (b) topicalização e afetação do sujeito; (c) codificação de eventos causados internamente. A primeira envolve tempo e espaço, ambos ligados à noção de causalidade, em que uma entidade passa de um estado A, em um intervalo de tempo X, a um estado B, em um intervalo de tempo X' e pode ocorrer em relação ao estado físico ou mental, ao lugar e às posses, como indicam os dados a seguir.

- (06) Mudança de estado físico: “FlA: *o arroz queimou*” (BFAMDL01)
(07) Mudança de estado mental: *gora cê preocupou / né // cê perdeu o meu vintão //**FLA: (BFAMDL01)*
(08) Mudança de lugar: *FLA: por por esse processo de centrifugação *vai descer* a hemácia e vai ficar um negócio que chama <plasma> rico em plaqueta (BPUBCV01)

A topicalização do sujeito da média resulta da proeminência da entidade que sofre uma mudança de estado. Já a afetação do sujeito se relaciona à baixa volição, que indica que o sujeito não está no controle das forças que agem sobre ele (MANNEY, 1998). Esse nível de controle pode variar, como mostra Maldonado (1999), ao propor quatro classes de verbos psicológicos dispostos na seguinte hierarquia decrescente de controle:

- (09) Hierarquia de controle (MALDONADO, 1999)
PERCEPÇÃO > COGNIÇÃO > EMOÇÃO > REAÇÃO EMOCIONAL

No extremo esquerdo da escala, os verbos de percepção se comportam como verbos de processo material transitivos, em que o evento de percepção parte do sujeito como origem do processo e chega ao estímulo. No outro extremo, os verbos de reação emocional invertem o fluxo natural, o movimento parece partir do estímulo para atingir o sujeito experienciador. O

nível de controle é inversamente proporcional ao nível de afetação: o sujeito de verbos de percepção tem alto controle e baixa afetação, já o sujeito dos verbos de reação emocional tem baixo controle e alta afetação (KEMMER, 1993).

A terceira propriedade da média relaciona-se à desfocalização da fonte de energia desencadeadora do evento de mudança que pode ser plena, quando está ausente, ou parcial, quando não é expressa como sujeito, mas por um sintagma preposicionado (SP). A desfocalização da fonte pode ser motivada por diversos fatores semântico-pragmáticos: por a fonte ser desconhecida, codificar informação evocada ou inferível no contexto (PRINCE, 1981; FURTADO DA CUNHA, 1991); por a fonte não existir separadamente do afetado, como nos eventos espontâneos, ou simplesmente por o falante não desejar mencioná-la. Codifica-se em português, não só pela média, mas também pela impessoal e pela passiva. Na impessoal, a fonte está ausente, mas um agente humano é inferível. Na passiva e na média, a fonte pode estar ausente ou ser codificada por um SP. Na passiva, todavia, embora a fonte possa não ser codificada linguisticamente, é conceitualmente pressuposta, e, nesse caso, se aproxima da construção impessoal, diferenciando-se, por outro lado, por a fonte da passiva ter maior extensão: pode ser um agente, um instrumento ou uma causa. Na média, a fonte, quando codificada, é caracterizada por ser [-agentiva], geralmente representa forças naturais ou eventos.

Há, portanto, graus de causalidade, relacionados aos parâmetros de transitividade:

[...] a concepção de causação não está simplesmente presente ou ausente — ao contrário, ela pode ser ativada em vários graus de saliência (p.e. *Ele a quebrou. Isso quebrou facilmente. Isso quebrou*). (LANGACKER, 1991, p. 389)⁵

A ativação da causalidade em graus variados manifesta-se não só nas distinções de voz, entre ativa e média prototípicas, por exemplo, mas também entre variadas instanciações de um mesmo domínio de voz, como se discute a seguir.

Graus de causalidade

Partindo-se da noção de causalidade como esquema fundamental da cognição humana, diante de uma entidade sob mudança, a conceitualização mais natural seria a de atribuição de causalidade: a mudança resulta de algo, que pode ser outra entidade percebida,

⁵ “the conception of causation is not simply present or absent — it may instead be invoked with varying degrees of salience (e.g. *He broke it vs. It broke easily vs. It broke*)” (LANGACKER, 1991, p. 389).

preferencialmente física, espacio-temporalmente contemporânea, ou uma entidade apenas inferida, preferencialmente física, temporalmente anterior. Nessa atribuição de causalidade, atua a hierarquia de empatia, proposta por Langacker (1991, p.306), que apresenta níveis decrescentes de saliência cognitiva:

(10) Hierarquia da empatia

Falante > ouvinte > humano > animal > objeto físico > entidade abstrata

Quanto mais móvel e visível a entidade, mais saliente cognitivamente e, portanto, mais se torna evidente como fonte externa da mudança. No extremo direito da hierarquia, as entidades abstratas podem ser conceituadas como exteriores (outros eventos desencadeadores da mudança, naturais ou não; qualidades de terceiros; circunstâncias ambientais etc.) ou interiores (experiências emocionais ou cognitivas do afetado, qualidades do próprio afetado etc.).

Na causação interna, há uma indistinção conceitual entre causador e afetado, apontada por Kemmer (1993) como parâmetro semântico que permite agrupar, no domínio médio, construções com diferentes graus de distinção entre os participantes. A referência a aspectos puramente físicos de uma entidade, tais como o corpo ou parte do corpo, ou a expectativa de distinção conceitual dos dois participantes, associada com a semântica lexical do predicado, por exemplo, constituem casos de maior distinção entre a fonte da mudança — o Iniciador, nos termos da autora —, e o tema. Com base nesses parâmetros, a autora propõe várias classes semânticas que seriam comuns ao domínio médio: cuidados corporais, movimento translacional, movimento não-translacional, mudança de postura, eventos espontâneos, eventos mentais, eventos emocionais, eventos naturalmente recíprocos, atos de fala emotivos, média indireta.

Ausente um Causativo externo, a afetação parecerá advir de alguma propriedade inerente à entidade afetada, desconhecida ou irrelevante, capaz de provocar a mudança. Atribuir a mudança a propriedades do afetado justifica a inclusão da construção facilitativa no domínio medial. Na média facilitativa, como diz Van Oosten (1977), as propriedades do paciente são mais responsáveis pelo evento de mudança do que o agente pressuposto.

Essa sobreposição entre fonte e tema é mais evidente nos eventos espontâneos, em que a mudança é concebida como ocorrendo sem intervenção de algum ser animado ou alguma força da natureza, mas derivada da própria natureza do afetado. Como reflexo icônico dessa

concepção, os fatos espontâneos são codificados na forma intransitiva, admitindo, às vezes, por questão de clareza, adjuntos do tipo *sozinho, por si só, por nada*.

O grau de causalidade dependerá, portanto, da relação entre as duas entidades envolvidas: quanto mais próximas estiverem conceitualmente, menos será concebida uma transferência energética, ou, em outras palavras, quanto mais interna a fonte de energia, menos perceptível. Se a causalidade é uma questão de grau, cabe avaliar até que ponto as construções médias, situadas no extremo direito numa escala de causalidade que tem a ativa prototípica no outro extremo, variam em relação a esse parâmetro. É o que se propõe discutir nesse trabalho a partir de dados da fala espontânea. Antes, porém, de apresentarem-se esses dados, passa-se a descrever brevemente os procedimentos metodológicos.

Metodologia

Utiliza-se como corpus o C-Oral Brasil I, banco de dados de fala espontânea compilado em Minas Gerais nos moldes do projeto C-ORAL-ROM, por Tommaso Raso e Heliana Mello. O *corpus* está disponível na web (<http://www.c-oral-brasil.org>) e é composto por 139 textos (21:08:52 horas), divididos em dois contextos, familiar e público, e em três situações comunicativas: diálogos (dois participantes), conversação (mais de dois participantes) e monólogo (um participante), totalizando 208.130 palavras.

Do corpus, coletaram-se todas as ocorrências de voz média e analisaram-se conforme os seguintes fatores semântico-pragmáticos:

- (a) Codificação: média clítica, média não clítica, média perifrástica, média facilitativa;
- (b) Classe verbal (KEMMER, 1993): cuidados pessoais, movimento translacional, movimento não-translacional, eventos espontâneos, verbos de emoção, verbos de cognição, mudança de postura, eventos naturalmente recíprocos, média indireta, envolvimento pessoal;
- (c) Tipo de processo (HALLIDAY, 2004): material, mental⁶.
- (d) Saliência do afetado: alta saliência, média saliência, baixa saliência, sem saliência
- (e) Saliência da Causa: alta saliência, média saliência, baixa saliência, sem saliência
- (f) Tipo de causa⁷: externo, concreto, codificado; externo concreto identificável, externo concreto não identificável; externo abstrato codificado; externo abstrato

⁶ Halliday (2004) distingue seis tipos de processo. Avalia-se apenas dois que são eventos de mudança.

identificável; externo abstrato não identificável; interno codificado; interno identificável; interno não identificável; não identificável; inconcebível.

Após a categorização, os dados foram tratados quantitativamente no PSPP, versão 1.2.0, um software livre de análise de dados estatísticos, alternativa ao conhecido SPSS, da IBM, cujos resultados são discutidos a seguir.

Análise e discussão dos resultados

Foram coletadas 409 ocorrências de construções médias, distribuídas quanto ao tipo de processo e à forma de codificação, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1 – Frequência da forma de codificação e tipos de processo

Codificação	Processo					
	Material		Mental		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Clítica	33	8,06	31	7,57	64	15,64
Não-clítica	223	54,6	64	15,6	287	70,17
Perifrástica	8	1,95	46	11,24	54	13,20
Facilitativa	4	0,97	0	0	4	0,97
Total	269	65,77	140	34,22	409	100

Fonte: elaborado pela autora.

A construção média mais comum no *corpus* é a média não-clítica⁸, a maioria com processos materiais, o que condiz, de um lado com a tendência ao desuso do clítico no português do Brasil (MONTEIRO, 1994; GONDIM, 2011), e do outro, à alta frequência da estrutura SN + SV, que pode codificar tanto orações transitivas como intransitivas.

- (11) dezenas de espaços / que trabalhavam com artesanato / arte / **abriram e fecharam** (BPUBMN13)
- (12) / o contato dos índios lá **aumentou muito** / a <partir> + (BFAMMN31)
- (13) aí estalou a perna dele / **quebrou a / canela dele** em dois lugar // (BFAMMN35)

⁷ Em todas as categorias, codificado significa presente no contexto ou na própria oração (estatuto informacional evocado); identificável significa inferível (conhecimento de mundo e contexto) e não identificável significa desconhecido. A categoria “não identificável” isoladamente significa que não é possível depreender o caráter concreto/ abstrato ou externo/interno da causa. Inconcebível foi atribuído a eventos claramente espontâneos no contexto, normalmente eventos naturais que ocorrem sem intervenção e cuja causa extrapola o senso comum e entra no reino da Física ou Química. A causa foi considerada interna quando o contexto ou a classe semântica do predicado permitia conceber uma fonte interna.

⁸ Embora se considerem médias construções em que entram verbos como *morrer* (187) e *cair* (87), não estão inclusos nos dados estatísticos pela alta frequência no *corpus*, o que provocaria enviesamento dos resultados, considerando que a maioria dos verbos apresenta apenas uma ocorrência em construção média.

A média facilitativa, que formalmente também é não-clítica, apresenta baixa frequência. Nas quatro ocorrências, o Causativo é interno e o contexto permite identificar a propriedade responsável pelo evento. Em (14), o carro venderá “igual a água”, devido ao baixo preço. Em (15), o contexto esclarece que a causa da deteriorização é a baixa resistência do material.

- (14) *JOL: <vai vender> igual água // <vinte-mil reais é> / barato demais / uê // (BFAMCV06)
- (15) CAR: é &total + é muito mais leve do que um <telhado> //
*GIL: <mas> é menos resistente //
*CAR: ah // nem tanto / velho // tem umas lonas dessa que eles põem pa qualquer coisa //
*GIL: mas e com [/2] e &ap [/2] depois dos anos / isso *vai acabar / deteriorando fácil* //
*CAR: põe outra // (BFAMCV12)

A média perifrástica se aproxima em termos percentuais da média clítica, 13,2% e 15,6%, respectivamente. Distingue-se dessa, todavia, pela maior frequência de processos mentais. Enquanto na média clítica, há uma distribuição equilibrada entre processos materiais e mentais, a média perifrástica apresenta uma frequência mínima de processos materiais, menos de 2%.

- (16) *mas tipo / ele ficou chateado* // e mamãe também (BFAMMN33)
- (17) *DOM: então eu o [/2] hhh o estagiário *ficou escandalizado* (BFAMMN27)
- (18) nas escolas que eu trabalhei / todos lugares / *as portas / que &a [/1] se abriram pra mim* (BFAMMN15)
- (19) *as coisas praticamente se resolvem por si* (BPUBMN04)

Quanto às classes verbais, as mais frequentes, no geral, foram os eventos espontâneos; 34,5% (141/409), seguidos dos eventos emocionais: 17,36% (71/409) e eventos mentais: 16,87% (69/409). Tal resultado corrobora a centralidade da voz média de eventos espontâneos no domínio médio e demonstra o papel central que os eventos psicológicos exercem em nossa experiência. Somando-se eventos emocionais e mentais, chega-se a percentual similar ao dos

eventos espontâneos: 34,2% (140/409). Constituem exemplos dessas construções as ocorrências (20)-(23).

- (20) *HEL: se [o fogo] *apagar* a gente <acende> // (BFAMCV33)
- (21) *o vendeiro assustou* assim / e' falou / opa / pelo amor de Deus / pára com isso (BFAMMN20)
- (22) e é assim que eu / vou caminhando e / *tô melhorando* a cada dia (BFAMMN15)
- (23) a aula começava sete / *eu acordei* tipo cinco horas / cinco e meia (BFAMMN11)

No geral, o sujeito das construções médias apresenta alta saliência: 61,6% (252/409). A maioria representa animados humanos — 60,9% (249/409) —, altamente definidos: 68,7% (281/409). Esse dado valida a média como a codificação do construto absoluto em que o foco da construção não é a fonte da cadeia de ação, mas a relação temática para que contribui a extensão semântica do afetado.

- (24) *LAU: aquela [1] essa cachorra / &s [1] *se casou com italiano* pra ter cidadania européia / e &s [2] e se picou pra França // (BFAMCV07)
- (25) e enchendo o pulmão / ele fica pesado / ficando pesado / *afunda* / afundando / vai-se // (BFAMMN36)
- (26) *AVI: [71] *eu acordei* de madrugada com ela passando a mão ni mim pa todo lado // \$ (BFAMD19)

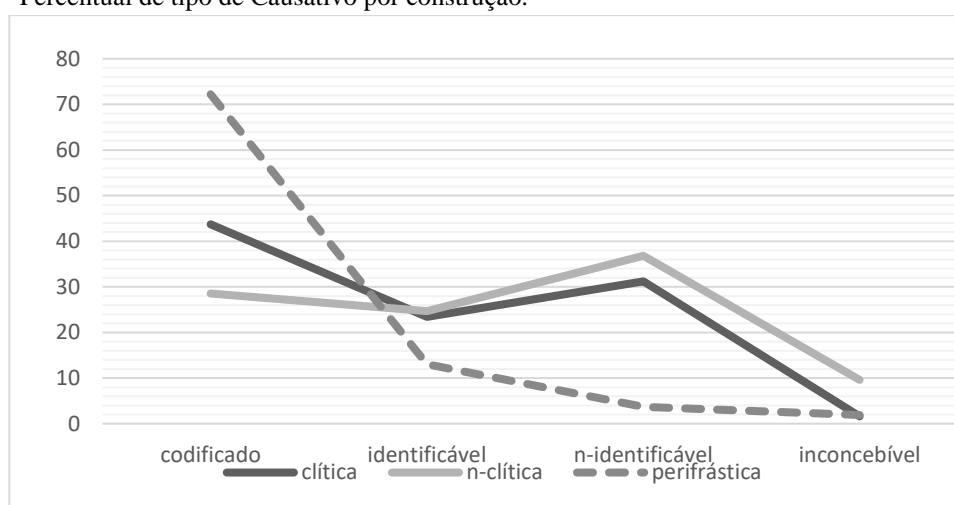
Os dados referentes à saliência do Causativo também corroboram a descrição da média como construto absoluto: 74,3% (304/409) apresentam saliência baixa ou nula, a maioria não identificável (externo, interno ou não-identificável) ou inconcebível: 40,6% (166/409).

- (27) *FLA: será que esse pão aqui / light / *estragou* // mofou // (BFAMD130)
- (28) uma fratura // que é coisa que a gente &m [1] menospreza // acha que vai / &co [1] *vai calcificar* (BFAMMN13)
- (29) *ONO: a panela / senão vai &q [1] *estourar* // (BFAMCV11)

O cruzamento dos fatores saliência do Causativo com a codificação indicia que as construções estudadas, embora pertençam ao sistema médio, exercem subfunções distintas. A média perifrástica se afasta das médias clítica e não-clítica por ter Causativo

predominantemente abstrato e codificado (64,8% - 35/54) ou, pelo menos, identificável no contexto (13%-7/54). No conjunto das médias clíticas e não-clíticas⁹, os Causativos abstratos e codificados constituem apenas 12,9% das ocorrências (46/355) e os identificáveis no contexto somam 24,5%. O gráfico 1 ilustra essa diferença. No gráfico, a categoria *codificado* representa um agrupamento de todos os tipos de causativos codificados, quer concretos, quer abstratos, quer internos. O mesmo vale para as categorias *identificável* e *não-identificável* do gráfico: representam agrupamentos de todas as subcategorias *identificáveis* e *não-identificáveis*.

Gráfico 1 - Percentual de tipo de Causativo por construção.



Fonte: elaborado pela autora.

A média perifrástica também se afasta das médias não-perifrásticas por apresentar predominância de verbos de emoção: 72,2% (39/54) ou de cognição 13% (7/54). Esses índices são bem menores nos outros tipos de médias: na média clítica, os verbos de processos mentais constituem 42,2% (27/64) e na média não-clítica, 17,5% (51/291). Contrariamente à média perifrástica, nos outros tipos de média, os verbos de cognição, que envolvem um menor grau de afetação, são mais frequentes que os de emoção. Foram encontrados 60,2% (47/78) de verbos de cognição contra 37,2% (29/78) de verbos de emoção codificados pelas médias clítica e não-clítica.

(30) REN: é / *es ficam* / <borrecido> // (BFAMDL28)

⁹ Incluem-se nesse bojo as médias facilitativas como médias não-clíticas, considerando-se a forma de codificação, o que não acarreta diferença por serem apenas 4 ocorrências.

- (31) n? conhecia ninguém / foi tudo muito foda / *eu fiquei meio desesperada*
(BFAMMN25)
- (32) aí a gente / passou isso pra eles / né / escreveu no quadro / e / *eles ficaram empolgados* (BFAMMN23)
- (33) *ALO: <cada um comeu um pedaço e tal> / e *ficaram satisfeito* //
(BFAMMN20)

Os dados referentes à média perifrástica são escassos para uma generalização, mas os resultados apontam para uma clara diferença que merece investigação mais detida. Considerando-se a escala de Maldonado (1999) e relacionando-se afetação e controle, pode-se interpretar a tendência de a perifrástica codificar eventos de emoção como resultado do seu valor aspectual resultativo. Ao codificar não só a mudança de estado, mas também o resultado da mudança (LEHMAN, 2008), as construções com *ficar* manifestam uma mudança mais efetiva que as médias clíticas e não-clíticas e, conseqüentemente, maior afetação. Destaque-se que, nas construções perifrásticas, predominam emoções negativas. Das lexias presentes nas construções médias perifrásticas de verbos psicológicos, 68,2% (15/22) têm valor de afetação negativa (*aborrecido, agitado, chateado, chocado, desesperado, ensandecido, horrorizado, preocupado*). De forma oposta, nas construções médias clítica e não-clítica, a predominância é de valor positivo: 62% (15/24).

O comportamento das construções médias no corpus estudado permite que se tirem algumas conclusões sobre o domínio médio no português espontâneo. É o que se fará na seção a seguir.

Considerações finais

Analisaram-se 409 ocorrências de variadas formas de manifestação medial, coletadas do português oral espontâneo, com o fim de avaliar se essas formas se distinguiriam quanto à saliência do Causativo.

Os dados reforçaram a caracterização da voz média em geral como uma representação do construto absoluto: o sujeito da construção média é tópico, altamente saliente (61,6% - 252/409) em contraste com o Causativo que apresenta baixa saliência (74,3%-304/409), quer por ser abstrato, quer por ser interno ou ainda, não-identificável.

Essas propriedades alçam a voz média de eventos espontâneos à média prototípica, o que foi corroborado ainda pela alta frequência dessa classe semântica. Os verbos de emoção e cognição, quando combinados com a forma de codificação, apresentaram comportamento

diverso. A relação entre forma perifrástica e verbos psicológicos, especialmente, verbos de emoção nos dados, apresentou-se tão íntima nos dados que não se pode concluir de que derivam as diferenças observadas a respeito da média perifrástica. A predominância de Causativo externo abstrato, em especial, pode tanto estar ligada ao valor resultativo da construção, como ao fato de eventos de emoção serem concebidos sempre com uma Causa abstrata, pela dificuldade de se atribuir controle nas emoções que as pessoas provocam nas outras.

Faz-se necessária a ampliação dos dados, inclusive, de outras regiões brasileiras, para se avaliar até que ponto a caracterização do domínio medial é, de fato, bipartida entre médias clíticas e não-clíticas de um lado e perifrásticas de outro, como pareceu nesses dados, ou se as médias clíticas guardam alguma diferença semântico-funcional em relação às não-clíticas.

Referências

BARROS, D. M. de. **Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional**. 2016. 175 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6492>. Acesso em: 30 ago. 2020.

DUARTE, I. S. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, M. H. M. *et al* (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 507-548.

GIVON, T. **English grammar: a function-based introduction**. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

GONDIM, E. M. O uso do clítico na fala culta de Fortaleza. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 37-47, out. 2011. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/3>. Acesso em: 26 jul. 2020.

HALLIDAY, M.A.K. **Na introduction to functional grammar**. London: Hodder Arnold., 2004.

KEMMER, S. **The middle voice**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Descriptive application. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. W. **A course in cognitive grammar**. California: University of California. Preliminary draft. 2000.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar: a basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, C. A auxiliarização de *ficar*. In: PINTO DE LIMA, J.; SIEBERG, B. (Eds.). **Questions of language change**. Lisboa: Colibri. 2008. Disponível em http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/. Acesso em: 20 jul. 2020.

LIMA, M. C. **A não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344**. 2009. 471 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA, M. O continuum de não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 15, n. 1, p. 155-178. 2013. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/76198>. Acesso em: 4 ago. 2020.

LIMA, M. C. “Gramática é conceitualização”. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 8, n. 6 esp., p. 79-97, set. 2018. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1238>. Acesso em: 4 ago. 2020.

MALDONADO, R. **A media voz**. Problemas conceptuales del clítico se. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006 [1999]. Disponível em: <http://www.iifilologicas.unam.mx/ebooks/a-media-voz/index.html#p=9>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MANNEY, L. J. **Middle voice in Modern Greek** (Studies in Language Companion Series 48). Amsterdam: John Benjamins, 2000.

MELO, N. M. S. C. de. **A construção medial no português do Brasil**: usos no padrão reclamação digital. 2015. 186 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20217/1/NadiaMariaSilveiraCostaDeMello_TESE.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

MONTEIRO 1994 MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1994.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given/new information. In: COLE, P. (Ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 223-233.

RAPOSO, E. Verbo e sintagma verbal. In: RAPOSO, E. *et al.* (Orgs.). **Gramática do Português**. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 28.

RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-oral-Brasil I**: corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Disponível em <http://www.c-oral-brasil.org>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categorie. In: MOORE, T. E. (Ed.). **Cognitive development and the acquisition of language**. New York: Academic Press. 1973. p. 111-114.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. Oxford: Clarendon Press, 1992.

VAN OOSTEN, J. Subjects and Agenthood in English. *In: Papers of 13^o Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago, 1977. p. 459-471.

Sobre a autora

Maria Claudete Lima (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-9866-9209>)

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É professora do curso de Letras e do Mestrado Profissional em Letras da UFC. Realiza estágio pós-doutoral na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Recebido em agosto de 2020.

Aprovado em outubro de 2020.